



A noite corria.
Deitado no chão, o Zé não dormia. Algures, uma pinha caiu e rolou pela encosta abaixo. Olhou para o lado, talvez conhecesse algum companheiro. Agitou um galho, chamando a atenção. “Estendido no chão, para que é que valho?” E vindo do escuro, chegou até ele grosso vozeirão:



- Então, Zé Pinheiro,

como é que vai isso?... Julgavas, talvez, que por seres tão jovem ficavas de pé, mais anos na mata? Bem velho sou eu, e tu um menino! Também me cortaram, é este o destino.

- Para quê, não me dizes? Vê lá se me explicas pois eu não atino. Estou para aqui em grande aflição – respondeu Zé Pinheiro.

- Muitos anos passaram após, como tu, aqui vir parar. Como tu, fui jovem. Cresci, fiz-me um “homem”, bem alto e pimpão. Até me chamavam João Pinheirão. Comigo, milhares, cobrimos os montes. Onde era só tojo, só pedra lavada, terreno baldio, criámos riqueza, por anos a fio. Talvez uns cinquenta, talvez até mais. E antes de nós, estiveram os pais, os velhos, avós e os bisavós. Eram uma beleza estes pinheirais. Aprendi muita coisa, por tanto que vi. E com o seu vozeirão, João Pinheirão contava para o Zé:

- Cortados agora, ou antes de pé, somos muito úteis.

- De pé...ainda vá! – retrucou Zé Pinheiro um pouco agastado – agora cortado, para aqui deitado! Quando estava vivo, até respirava, o ar renovava para os homens viverem. Ai! Tanto oxigénio que eu fabricava! As folhas que, secas, tombaram no chão, fizeram tapete, transformaram-se em “pão”, o húmus tão bom para tudo que é verde.

E a sombra que eu dava?... Ainda não há muito vieram do vale rapazes, meninas, com a professora, brincar no pinhal. Por mais de uma hora fizeram uma roda, à volta de mim. Cantaram, dançaram como num jardim. Tocaram corneta, tambor, pandeireta, até um flautim.

E João Pinheirão, com voz de trovão:

- Os homens, meu Zé, são nossos amigos e têm razão. As nossas raízes prendem as areias como numa luva. Assim agarradas não foram nas cheias. A nossa ramagem é chapéu-de-chuva. Os pingos, grossos, caindo do céu, das nuvens rasgadas, em dias de Inverno ou de trovoadas, desciam por nós tão devagarinho! E o chão, feito esponja, ia-os guardando, pinguinho a pinguinho!

O vento soprava, para ver se tombava a horta, os trigais, cobrindo de areia quintas e casais, a verde campina. Mas nós, os pinheiros, valentes, direitos, como que soldados, formámos cortina. Os ventos zangados, uivavam irados, ralhavam, bramiam. Mas em nós batiam. E já não passavam!

- E aquele ninho que nos ramos tive? – lembrou Zé Pinheiro. – Tanto passarinho por aqui brincou, ainda de bibe!

-Mas agora reparo nessas cicatrizes que tens, Pinheirão! Que foi, não me dizes?...

Os homens precisam da nossa resina – explicou o João. – Vem o resineiro e retira uma tira da nossa carrasca, com ferro afiado, até à madeira, com muito cuidado para a não cortar. Depois pulveriza com uma mistura de ácido e água. E a resina escorre por dias a fio, para uns pucaritos ao tronco agarrados. Ficamos bonitos, assim enfeitados. Uns dias passados renovam a ferida, cortando outro talho por cima do velho. E assim de seguida. Um ano, outro ano, mais um e mais outro A ferida subindo, a resina saindo! E os trabalhadores enchendo



com ela milhares de tambores por esses pinhais.

- E serve para quê?... – perguntou o Zé.

- Olha, meu rapaz – sentenciou o João – levam-na para fábricas, onde é destilada. Obtêm, então, o pez e a aguarrás.

- Com isso, que se faz? – quis saber o Zé.

- Tanta coisa é... tanta aplicação – explicou Pinheirão – nas tintas, vernizes, até no sabão! Em remédios, perfumes; nas colas, betumes sei lá em que mais! Como eu me gabava da minha madeira! Que bela madeira! Que bela que era, tão sã e tão

rija! E aos homens precisa!

- Ah! Agora percebo – voltou Zé Pinheiro – por que nos cortaram. Vão levar-nos, não vão?... Para onde, João?...

- Eu, como sou grosso... vou para a serração. Aí me abrirão em tábuas ou pranchas. Depois, com trabalho, serei um soalho... um tecto...um andaime! Quem sabe se um berço, ou barco, ou uma mesa?... Ou caixas para fruta, ou uma “paleta”? Talvez venha a ser uma bela janela ou simples postigo!...

- Por isso é que o homem é tão nosso amigo! – concluiu o Zé.

- Mais tarde ou mais cedo acaba o petróleo que dá gasolina e outros produtos como a vaselina, o óleo, o gasóleo; até a benzina e o fuelóleo – sentenciou o João, com voz de trovão – essa fonte de energia acabará um dia. Há, pois, que a poupar para que os motores possam trabalhar. Ora, nós, as árvores, temos de ajudar! Os ramos, as aparas e mais desperdícios que ficam no chão, vão para queimar em forno, em caldeira, fogão ou fogueira! Se não nos derem outra aplicação, podem transformar-nos em útil carvão.

- E eu, bom João, qual o meu destino?

- Tu, para a serração, és ainda fino – replicou Pinheirão.

- Milhares como tu para fábricas irão, mas de “celulose”. Após descascados, serão destroçados em estilha miúda. Depois, desfibrados e bem amassados! Até que em pasta serão transformados, pasta de papel.

- Que coisa engraçada! – admirou-se Zé Pinheiro. – Sendo como dizes, João Pinheirão, posso ser mais tarde um livro, um cartão?... Ou, feito em caderno, ir até à escola, metido numa sacola?... Então um pinhal pode vir a ser folhas de jornal?... Posso ser uma carta, um bilhete-postal?... Olha, João, depois do que dizes, jamais destes montes eu terei saudade. Agora é que entendo que sou preciso à Humanidade.

Leitura

Actividade 1:

Depois da leitura atenta do texto, verificaram quanto a árvore é útil à Humanidade.

Dividam-se em 2 grupos. Um dos grupos fará uma lista dos benefícios que a árvore, enquanto ser vivo, proporciona ao homem. O outro fará outra lista dos benefícios que a árvore, cortada, continua a proporcionar ao ser humano. Podem ilustrar a vossa lista e colocá-la no escaparate da vossa sala de aula.

Actividade 2:

Se a árvore é assim tão importante para a Humanidade, devemos cuidar dela, apreciá-la e até...homenageá-la. Escrevam, então, pequenas mensagens, cada uma em meia folha A4, que poderão plastificar, para colocarem nas árvores da vossa escola. Aqui vão 2 exemplos: “A árvore gera riqueza”; “A árvore é abrigo de ninhos”. As mais sugestivas até podem aparecer no blog da SETA.

Actividade 3:

Gostariam de visitar uma fábrica onde os produtos retirados da árvore são transformados e “viram” objectos, material que manejamos todos os dias, sem pensarmos qual a sua origem? Perguntem ao vosso professor se podem fazer uma visita de estudo, por exemplo ... a uma fábrica de “papel” ... ou outra.



Actividade 4:

E se transformássemos este texto num texto dramático? Como sabem, o texto dramático tem características próprias. Há o texto dos actores e o texto que indica os cenários, os jogos de luz, o comportamento dos actores, os gestos, o tom de voz...

Podem começar assim:

É noite. Numa floresta, vários pinheiros estão deitados no chão. Ouve-se o barulho de uma pinha a rolar. A luz foca um pinheiro jovem.

Zé Pinheiro (agitando um galho) – Estendido no chão, para que é que eu valho?

Zé Pinheiro (com voz grossa) – Então, Zé Pinheiro, como é que vai isso? (Pausa) Julgavas, talvez, que por seres tão jovem ficavas de pé mais anos na mata? Bem velho sou eu, e tu um menino! (A luz vai iluminando o grosso tronco do velho pinheiro) Também me cortaram, é este o destino.

Zé Pinheiro (aflito) – Para quê, não me dizes? Vê lá se me explicas, pois eu não atino.



Em grupo, continuem a reescrever o texto até ao fim. Depois podem representá-lo numa festa escolar, no “Dia da Árvore”... Não se esqueçam que podem enriquecer a representação através de danças, canções, intervenções de outras árvores que na floresta se conservam de pé ou não. Não faltará imaginação. Tenho a certeza.

Exploração do Tema

Separar a turma em dois grupos. Cada grupo realizará uma das seguintes actividades:

Actividade 5: Desflorestação

- 5.1. Pesquisar o significado do termo “desflorestação”.
- 5.2. Analisar as consequências da desflorestação para...:
 - o Homem
 - outros seres vivos que habitavam a zona desflorestada
 - o solo
 - para a atmosfera
- 5.3. Considerar as consequências que indicaste para a atmosfera e pensar de que forma essas situações poderão influenciar o futuro do nosso planeta.
- 5.4. Pensa como se poderá combater a desflorestação e após essa reflexão procura soluções que já tenham sido propostas. Elabora uma lista.
- 5.5. Elaborar um cartaz criativo com a informação recolhida e apresentar à turma.

Actividade 6: Da floresta ao carvão

- 6.1. Pesquisar a formação de uma jazida de carvão.
- 6.2. Elaborar cartões (em tamanho A5) com imagens de cada uma das principais fases de formação do carvão e, para cada um, escrever num outro cartão pequenos textos explicativos.
- 6.3. Apresentar aos colegas os vários cartões ilustrados de forma aleatória. Pedir aos colegas para procederem à sua correcta ordenação e estabelecer a correspondência com os textos.